

# 1

Nos inícios do ano de 1806 Nikolai Rostov estava a caminho de casa, de licença. Deníssov também partia de licença, para Vorónej, e Rostov convenceu-o a ir com ele até Moscovo e a ficar algum tempo em sua casa. Na penúltima estação, Deníssov encontrou um companheiro, bebeu com ele três garrafas de vinho e, já nos acessos a Moscovo, apesar dos buracos no caminho, não acordava, deitado no fundo do trenó aos pés de Rostov, um Rostov que, à medida que se aproximavam de Moscovo, ficava cada vez mais impaciente.

«Falta muito? Falta muito? Oh, todas estas ruas, lojas, *kalatches\**, lampiões, cocheiros já se tornam insuportáveis!» — pensava Rostov quando, no posto das portas da cidade já tinham registado os papéis da licença e entravam em Moscovo.

— Deníssov, estamos a chegar!... Está a dormir — dizia Rostov, lançando todo o corpo para a frente, como se quisesse acelerar com esta posição o movimento do trenó. Deníssov não respondia.

— Lá está a esquina, o cruzamento onde o cocheiro Zakhar se põe sempre; lá está o Zakhar, e o cavalo é o mesmo! Lá está a venda onde comprávamos pães-de-mel. Vá! Rápido!

— Qual é a casa? — perguntou o postilhão.

— Lá, à ponta, a grande, então não vês? É a nossa casa — dizia Rostov —, é precisamente a nossa casa!... Deníssov, Deníssov! Estamos quase a chegar.

Deníssov ergueu a cabeça, tossicou e não respondeu.

— Dmíttri — Rostov dirigiu-se ao lacaio sentado na boleia. — A luz é das salas?

— Exactamente, e no gabinete do paizinho também há luz.

— Ainda não se deitaram? Hã? O que achas?

— Vê lá, não te esqueças, prepara-me já a *venguerka*\* nova — acrescentou Rostov, apalpando o bigode novo. — Vá, rápido — gritou ao postilhão. — Mas acorda, Vássia — disse a Deníssov que voltara a dobrar a cabeça para o peito. — Vai, vai, rápido, três rublos para a vodca, vai! — gritou Rostov quando o trenó já estava a três prédios de sua casa. Parecia-lhe que os cavalos estavam parados. Finalmente, o trenó virou para a direita, para a entrada principal; Rostov viu por cima da cabeça a cornija familiar com o estuque partido, viu a ombreira, o marco do passeio. Saltou com o trenó ainda em movimento e correu para o átrio. A casa estava na mesma, parada, indiferente, como se não quisesse saber de quem acabava de chegar. No átrio, ninguém. «Meus Deus! Estará tudo bem?» — pensou Rostov, parando por um momento, com o coração a desfalecer, e logo voltou a correr pelo átrio, a galgar os degraus tortos, familiares. A maçaneta da porta, que tanto irritava a condessa porque suja, era a mesma e rodava tão mal como dantes. No vestíbulo ardia uma vela de sebo.

O velho Mikhailo dormia em cima da arca. Prokófi, o lacaio boleiro, o tal que era tão forte que erguia um coche pegando-lhe pela traseira, estava sentado a trançar alpargatas de tiras\*. Olhou para a porta que se abrira e, de súbito, a expressão indiferente e sonolenta mudou-se-lhe em expressão de susto e admiração.

— Ah, meu Deus! O jovem conde! — exclamou ao reconhecer o patrão moço. — Ah, que coisa! Meu pombinho! — E Prokofi, tremendo de emoção, precipitou-se para a porta que dava para a sala de estar, por certo para anunciar a sua chegada, mas repensou, voltou atrás e apertou a cara contra o ombro do jovem.

— Eles estão bem? — perguntou Rostov, arrancando a mão das mãos do criado.

— Graças a Deus! Todos, graças a Deus! Acabaram de comer! Deixe-me olhar bem para si, vossa nobreza!

— Está tudo bem, perfeitamente bem?

— Graças a Deus, graças a Deus!

Rostov, absolutamente esquecido de Deníssov, não querendo que ninguém se lhe antecipasse, sacudiu a pelega dos ombros e, em bicos de pés, correu para a escura sala grande. Estava tudo na mesma — as mesmas mesas de jogo, o mesmo lustre acobertado; mas já alguém tinha visto Nikolai e não lhe deu tempo a chegar à sala: qualquer coisa vertiginosa como uma tempestade irrompeu de uma porta lateral, agarrou-se a ele e pôs-se a beijá-lo. Mais uma e, logo, uma terceira criatura saíram da segunda e terceira portas; mais abraços, mais beijos, mais gritos e lágrimas de alegria. Nikolai não conseguia perceber quem o abraçava — se o papá, se Natacha, se Pétia... Todos falavam,

todos gritavam, todos o beijavam ao mesmo tempo. Só a mãe não estava entre eles — isso Nikolai não percebia.

— E eu, e eu que não sabia... Nikóluchka... amiguinho, Kólia!

— Cá está ele... o nosso... Mudou muito! Não!! Velas! Chá!

— E a mim, não dás um beijo?

— Alminha... a mim também.

Sónia, Natacha, Pétia, Anna Mikháilovna, Vera, o velho conde apertavam-no aos braços sucessivamente. Os criados e as criadas, enchendo as salas, falavam, exclamavam.

Pétia pendurou-se-lhe nas pernas.

— A mim também! — gritava.

Natacha, depois de o dobrar para si e lhe cobrir a cara de beijos, deu um passo atrás e, agarrando-se-lhe à aba da *venguerka*, saltava no mesmo lugar como uma cabrita e guinchava com estridor.

De todos os lados pousavam nele olhos brilhantes de lágrimas de alegria, de amor, de todos os lados se estendiam lábios que queriam beijá-lo.

Sónia, vermelha como uma papoila, também lhe agarrava na mão, toda radiante e procurando com olhos deliciados e ansiosos o olhar dele. Sónia já tinha feito dezasseis anos e estava muito bonita, sobretudo neste momento de feliz e enlevada balbúrdia. Olhava para Nikolai sem desviar os olhos, sorrindo, retendo a respiração. Nikolai olhava para ela com gratidão; mas continuava ainda a esperar alguém: a velha condessa ainda não aparecera. Ouviram-se então uns passos à porta. Eram tão rápidos que não podiam ser de sua mãe.

Mas era ela, de vestido novo, um vestido que ele nunca tinha visto, costurado por certo na ausência dele. Todos se afastaram, Nikolai correu ao encontro dela. Quando se encontraram, a mãe caiu-lhe no peito, chorando. Não tinha forças para levantar o rosto, só o apertava contra os cordões frios da *venguerka*. Deníssov, em quem ninguém tinha reparado, entrou na sala, parou e, olhando para eles, esfregou os olhos.

— Vassíli Deníssov, amigo do seu filho — apresentou-se ao conde que olhava para ele interrogativamente.

— Seja bem-vindo. Já sei, já sei — disse o conde, beijando e abraçando Deníssov. — O Nikóluchka falava de si nas cartas... Natacha, Vera, cá está ele, o Deníssov.

Os mesmos rostos felizes e entusiasmados dirigiram-se à figura pequena, hirsuta e de bigode negro de Deníssov; rodearam-no.

— Deníssov, queridinho! — guinchou Natacha, louca de arrebatamento, dando um salto até ele, e abraçou-o e beijou-o. Toda a gente se embaraçou. Deníssov também corou, mas sorriu, pegou na mão de Natacha e beijou-a.

Guiaram Deníssov ao quarto que lhe foi destinado; os Rostov juntaram-se à volta de Nikóluchka na sala dos divãs.

A velha condessa, sem largar a mão do filho e sem parar de lha beijar todo o tempo, sentava-se juntinha a ele; os outros, de pé à sua volta, tentavam não perder cada movimento dele, cada palavra, cada olhar, não tiravam dele os olhos enlevados, apaixonados. O irmão e as irmãs disputavam entre si os lugarzinhos mais próximos dele, lutando pelo direito de lhe trazer o chá, o lenço, o cachimbo.

Rostov estava muito feliz com o amor que lhe manifestavam; mas o primeiro instante do encontro tinha sido tão delicioso que, agora, a felicidade lhe parecia pouca, ficando sempre à espera de mais qualquer coisa, mais e mais.

Depois da longa viagem, dormiram até às nove e tal da manhã.

Na sala anterior à que lhes foi reservada, espalhavam-se sabres, sacos, bolsas de couro, malas abertas, botas sujas. Dois pares acabados de limpar, com esporas, tinham sido encostados à parede. Os criados traziam lavatórios, água quente para a barba e roupa acabada de limpar. Cheirava a tabaco e a homem.

— Eh, G'uichka, o cachimbo! — gritou Vasska Deníssov na sua voz rouca. — G'ostov, levanta-te!

Rostov, esfregando os olhos peganhentos, levantou a cabeça desgrenhada da almofada quente.

— O quê? Já é tarde?

— Já passa das nove — soou a voz de Natacha na sala contígua e ouviu-se o rocegar de vestidos engomados, os sussurros e os risinhos das meninas, e, na porta entreaberta relanceou qualquer coisa azul-clara, fitas, cabelos negros e feições alegres. Eram Natacha e Sónia, mais o Pétia, que tinham ido ver se Nikolai já acordara.

— Nikólenka, levanta-te! — ouviu-se de novo a voz de Natacha junto à porta.

— Já me levanto!

Nisto, na sala anterior, Pétia reparou nos sabres que lá estavam e logo os experimentou, com aquela admiração própria dos garotos pelo bélico irmão mais velho, e, esquecendo-se de que era indecente para as irmãs verem homens em trajos menores, escancarou a porta deles.

— É o teu sabre? — gritou. As meninas deram um salto para trás. Deníssov, com o susto nos olhos, escondeu as pernas peludas debaixo do cobertor e voltou a cara para o companheiro à procura de ajuda. A porta fechou-se depois de Pétia ter entrado. Atrás dela continuaram os risinhos.

— Nikólenka, põe o roupão e sai.

— É o teu sabre? — perguntou Pétia. — Ou é o seu? — dirigiu-se com respeito obsequioso ao moreno e embigodado Deníssov.

Rostov, atabalhoadamente, calçou-se, vestiu o roupão e saiu. Natacha já tinha enfiado uma bota com a espora e estava a calçar a outra. Sónia girava pela sala e já se preparava para inflar a saia do vestido em balão para fazer a reverência final da sua dança quando entrou Nikolai. Ambas as meninas estavam de vestidos azuis-claros, novinhos, iguaizinhos — ambas frescas, ambas coradas, excitadas. Sónia fugiu; Natacha, tomando o irmão pelo braço, levou-o até à sala dos divãs para conversar com ele. Falavam com tanta pressa que não tinham tempo de perguntar e responder às mil e uma minudências que só a eles podiam interessar. Natacha, a cada palavra do irmão e dela, só se ria, não porque dissessem coisas engraçadas mas porque ela estava tão alegre que era incapaz de moderar a alegria e tinha de a descarregar em riso.

— Ah, que bom, óptimo! — acrescentava ela a cada palavra. Para Rostov era como se, sob os raios quentes do amor de Natacha, lhe desabrochasse, na alma e no rosto, pela primeira vez durante aquele ano e meio o sorriso puro e infantil que nunca mais tivera desde que partira de casa.

— Ouve, ouve — disse ela —, agora já és mesmo um homem? Estou tão feliz por seres meu irmão! — Tocou-lhe no bigode. — Quero saber como são vocês, os homens. São como nós?

— Não. Por que foi que a Sónia fugiu? — perguntou Rostov.

— Pois. Isso é uma história à parte! Como vais tratar Sónia, por tu ou por você?

— Logo se vê — disse Rostov.

— Por favor, trata-a por você, depois digo-te porquê.

— Mas porquê?

— Está bem, digo-te já. Sabes que a Sónia é a minha amiga, uma amiga tão grande que eu punha as mãos no fogo por ela. Olha aqui. — Arregaçou a manga de musselina e mostrou-lhe no bracito magro, comprido e suave, numa parte interior do braço muito acima do cotovelo (um lugar que fica tapado até com um vestido de baile), uma marca vermelha.

— Queimei-me para lhe mostrar o meu amor. Aqueci a régua no lume e apertei-a aqui.

Sentado na sua antiga sala de estudo, no divã com almofadinhas nos braços, e olhando para os olhos arrebatados de Natacha, Rostov voltou a mergulhar naquele seu mundo familiar, infantil, que não tinha qualquer sentido para mais ninguém que não ele e lhe dava um dos maiores prazeres da vida; assim, aquela queimadura no braço com a régua como prova de amor não lhe pareceu absurda: compreendia, não o espantava.

— E depois?

— Depois, somos grandes amigas, grandes amigas! Isto da régua é insignificante, somos amigas para sempre. A Sónia, se amar alguém, é para sempre. Eu é que não percebo essa coisa. Eu esqueço rapidamente.

— Então, e que mais?

— É isto, ela ama a mim e a ti. — Natacha, de repente, corou. — Bom, tu lembras-te, antes de teres partido... Então, ela diz que tens de esquecer tudo isso... Disse: vou amá-lo sempre, mas ele que seja livre. É uma coisa boa, maravilhosa e generosa, não é? É, não é? Muito nobre e generosa, não é? — Natacha perguntava com um ar tão sério e emocionado que se tornava evidente que já repetira aquelas palavras antes e com lágrimas. Rostov ficou pensativo.

— Não vou voltar atrás com a minha palavra de honra, de modo algum — disse. — Além disso, a Sónia é tão encantadora que é preciso ser parvo para rejeitar esta felicidade!

— Não, não! — gritou Natacha. — Já falámos disto, eu e ela. Sabíamos que ias dizer isso. Mas não deves dizê-lo porque, bem vêes, ao falares assim é como se te considerasses obrigado pela palavra de honra, o que significaria que a Sónia disse aquilo com um fim propositado. Significaria que, em qualquer caso, te casarias com ela por força da obrigação, o que não estaria certo.

Rostov via que tudo aquilo tinha sido muito bem pensado por elas. Sónia, já no dia anterior, tinha-o impressionado pela sua beleza. E havia pouco, quando a viu de relance, pareceu-lhe ainda mais bonita. Era uma menina encantadora de dezasseis anos, pelos vistos apaixonada loucamente por ele (do que Nikolai não duvidava nem por um instante). Amá-la e casar-se com ela, por que não? — pensava Rostov —, mas não era para já. Ainda havia tantas alegrias e ocupações para experimentar! «Sim, muitíssimo bem pensado — disse de si para si —, preciso de estar livre.»

— Ainda bem — disse ele —, falamos depois. Ah, que bom olhar para ti!... Então, ainda te manténs fiel a Boris? — perguntou.

— Que disparate! — gritou Natacha, rindo. — Não penso nele nem em ninguém, nem quero saber.

— Ai é? E então, como é contigo?

— Comigo? — disse Natacha, e um sorriso feliz alumiou-lhe o rosto. — Viste o Dupont\*?

— Não.

— O famoso Dupont, o bailarino, nunca o viste? Então não vais perceber. Eu sou isto assim... — e Natacha arredondou os braços como as bailarinas e, apanhando a saia, correu, afastando-se alguns passos,

girou, fez um *entrechat*, bateu com um pé no outro e, pondo-se em pontas, deu uns passos. — Achas que aguento? Aguento! — disse ela, mas não aguentou muito tempo em pontas. — É isto que eu sou! Nunca me casarei, seja com quem for, vou ser bailarina. Mas não digas a ninguém.

Rostov riu-se tão alto e com tanta alegria que Deníssov, no quarto, sentiu inveja; Natacha acompanhou o irmão nas risadas. — Não, fiz bem, não fiz? — repetia ela.

— Está bem. Já não te queres casar com o Boris, é isso?

Natacha corou.

— Não me quero casar com ninguém. Digo-lhe a mesma coisa quando o vir.

— Com que então é assim! — disse Rostov.

— É, nada disso me interessa — continuou Natacha a tagarelar. — E o Deníssov, é bom rapaz? — perguntou.

— É bom rapaz.

— Então adeus, vai-te vestir. Ele é pavoroso, o Deníssov?

— Pavoroso porquê? — quis saber Nicolas. — Não, o Vasska é simpático.

— Trata-lo por Vasska?... Estranho. Então, é mesmo muito bom rapaz?

— Muito bom rapaz.

— Então, anda depressa tomar chá. Tomamos chá todos juntos.

E Natacha saiu da sala em pontas como as bailarinas, sorrindo como sabem sorrir apenas as garotas felizes de quinze anos. Na sala de estar, Rostov corou ao dar de caras com Sónia. Não sabia como estar diante dela. Na véspera, no primeiro momento do encontro, tinham trocado beijos, mas agora não o podia fazer, sentia-o, sentia que todos, a mãe e as irmãs, estavam a olhar para ele com ar de interrogação, aguardando como se portaria ele com Sónia. Beijou-lhe a mão e tratou-a por «menina Sónia». Mas os olhos deles, ao encontrarem-se, disseram «tu» e beijaram-se com ternura. Com o seu olhar, Sónia pedia-lhe desculpa por se ter atrevido, por intermédio de Natacha, a lembrar-lhe a sua promessa e agradecia-lhe o seu amor. Nikolai, com o seu olhar, agradecia-lhe a proposta de liberdade e dizia-lhe que, fosse como fosse, nunca deixaria de a amar porque não a amar era impossível.

— Coisa esquisita — disse Vera, escolhendo um momento de silêncio geral —, a Sónia e o Nikólenka agirem agora como estranhos e tratarem-se por «você». — A observação de Vera era justa, como, aliás, todas as suas observações; e, como com a maioria das suas observações, todos se sentiram embaraçados com ela, e não só Natacha,

Sónia e Nikolai, mas também a velha condessa, que temia este amor do filho por Sónia, capaz de o privar da possibilidade de arranjar um partido brilhante, corou como uma rapariga. Deníssov, para espanto de Rostov, apareceu na sala de estar com a farda nova, o cabelo com pomada, perfumado, todo janota, como nas batalhas, e tão gentil cavalheiro com as senhoras como Rostov nunca esperaria vê-lo.



## 2

Regressado a casa do exército, Nikolai Rostov foi recebido na família como o melhor dos filhos, como herói, como o inapreciável Nikóluchka; pelos parentes, como um jovem simpático, afável e respeitoso; pelos conhecidos, como um bonito tenente dos hussardos, hábil dançarino e um dos melhores noivos de Moscovo.

Os Rostov travavam conhecimento com toda a Moscovo; no ano em curso, o conde tinha bastante dinheiro porque re-hipotecara todas as suas propriedades, por isso Nikóluchka levava uma vida alegre, tendo arranjado um trotador próprio e calças de montar à última moda, tão especiais que mais ninguém as tinha assim em Moscovo, e umas botas também à última moda, com biqueiras afiadíssimas e pequenas esporas de prata. Passado algum tempo após a sua volta a casa, Rostov, ao comparar a sua pessoa nas antigas condições com a pessoa que era agora, experimentou uma agradável sensação. Parecia-lhe que amadurecera e crescera muito. Já lá iam os tempos do desespero por ter reprovado no exame de religião e moral, do dinheiro que pedia emprestado a Gavrila para alugar um coche, dos beijos à socapa com Sónia — recordava tudo isso como garotices que já tinham ficado muito para trás. Agora era um tenente dos hussardos com o seu *mentik*\* prateado, com a cruz de São Jorge de soldado\*; preparava o seu trotador para as corridas em que competiria com amadores famosos, mais velhos, respeitáveis. Visitava uma senhora no bulevar aos fins de tarde. Regeu a mazurca no baile dos Arkhárov, conversou sobre a guerra com o marechal-de-campo Kamênski\* frequentava o Clube Inglês, tratava por «tu» um coronel quarentão a quem Deníssov o apresentara.

A sua paixão por sua majestade também abrandara um pouco em Moscovo, porque não o vira durante muito tempo. Mesmo assim, fa-

lava muitas vezes do imperador, da sua admiração por ele, dando a entender que não contava tudo, que havia mais qualquer coisa no seu sentimento pelo imperador, uma coisa que nem todos seriam capazes de perceber; e partilhava, do fundo da alma, da adoração, geral naquela altura em Moscovo, pelo imperador Aleksandr Pávlovitch, a quem deram até a denominação de «anjo incarnado».

Durante esta curta estada de Rostov em Moscovo, antes de partir novamente para o exército, não ficou mais próximo de Sónia, pelo contrário, afastou-se dela. Era uma menina muito linda, muito querida e, pelos vistos, estava louca por ele; mas Nikolai passava por aquele período da juventude em que parece haver tantas coisas para fazer que *não há tempo* para aquilo e em que o jovem tem medo de compromissos e dá alto valor à sua liberdade, necessária para outras coisas. Durante esta sua permanência em Moscovo, quando pensava em Sónia dizia para si mesmo: «Eh! Ainda hão-de aparecer muitas como ela, e há-as em qualquer lado que eu ainda não conheço, de certeza. Ainda tenho muito tempo para me dedicar ao amor, quando me decidir, mas por enquanto não tenho tempo.» Além disso, parecia-lhe que a companhia feminina, de certo modo, era humilhante para a sua virilidade. Ia aos bailes e visitava as senhoras como se o fizesse contrariado. As corridas de cavalos, o Clube Inglês\*, as pândegas com Deníssov, as visitas *àquela casa* — isso já era outra coisa, não era desdouro para um bravo hussardo.

Nos inícios de Março, o velho conde Iliá Andréévitch Rostov andava preocupado com a organização do almoço no Clube Inglês para a recepção ao príncipe Bagration.

O conde, de roupão, andava pela sala, dando ordens ao ecónomo do clube e ao chefe de cozinha, o famoso Feoktist; estava a encomendar espargos, pepinos frescos, morangos, carne de vitela e peixe para o almoço em honra de Bagration. O conde era o presidente do clube desde o dia da sua fundação. O clube encarregou-o da organização da festa em honra de Bagration porque havia poucos que sabiam organizar um banquete como ele, à grande e com hospitalidade, sobretudo porque havia poucos a entrar com o seu próprio dinheiro se fosse necessário. O cozinheiro e o ecónomo do clube ouviam as ordens do conde de cara alegre, porque sabiam que somente com ele, e com mais ninguém, era possível tirarem proveito de um almoço que orçaria os milhares de rublos.

— Então, vê lá isso, põe cristas, põe cristas na *tortue*, não pode falhar!

— Portanto, pratos frios são três, não é? — perguntou o cozinheiro.

O conde reflectiu.

— Sim, não podem ser menos, três... salada com *mayonnaise*, um... — contava o conde, dobrando os dedos.

— Então, compro aqueles esturjões grandes ou não? — perguntou o ecónomo.

— Compra... já que eles não querem baixar o preço, nada a fazer. Ah, paizinho, ia-me esquecendo. É preciso mais uma *entré*. Ah, deuses do céu! — deitou as mãos à cabeça. — Quem vai trazer as flores? Míténka! Míténka! Corre, Míténka, vai fora de portas, à herdade — dirigia-se ao administrador —, corre já para lá e diz ao jardineiro Maksimka que ponha o pessoal a trabalhar, que cubra as flores com feltro e as traga todas para cá, das estufas. Antes de sexta-feira têm de estar aqui duzentos vasos.

Depois de tantas ordens e mais ordens, já se preparava para descansar um pouco ao pé da condessa mas ainda se lembrou de mais necessidades, voltou, mandou chamar de novo o cozinheiro e o ecónomo, e deu mais ordens. À porta ouviram-se uns passos leves e um tinir de esporas, e entrou o jovem conde, bonito, de faces coradas, o bigodinho preto, a quem a vida despreocupada que levava em Moscovo dava um ar visivelmente folgado e bem cuidado.

— Ah, meu amigo, anda-me a cabeça à roda — disse o velho, como que envergonhado diante do filho e sorrindo. — Podias ajudar-me, ao menos tu! Faltam cantores. A música tenho, mas se mandasse vir os ciganos? Vocês, os militares, gostam disso.

— Francamente, paizinho, acho que o príncipe Bagration, quando se preparava para a batalha de Schoengraben, se atarefava menos do que o pai agora — disse o filho, sorrindo.

O velho conde fingiu-se zangado.

— Tu falas muito, mas experimenta fazer tu isto!

E o conde dirigiu-se ao cozinheiro, que olhava, atenta e respeitosa-mente, para pai e filho com a sua cara inteligente e carinhosa.

— Olha-me para estes jovens, Feoktist! — disse o conde. — Riem-se de nós, os velhos.

— Pois é, vossa nobreza, para eles é só comer com prazer, mas como se preparam e se servem as coisas, disso já não querem saber.

— Lá isso é verdade, é! — gritou o conde e, agarrando nas mãos do filho, disse-lhe: — Olha, ainda bem que te apanhei! Mete-te no trenó duplo, vai a casa de Bezúkhov: o conde Iliá Andréévitch, diz-lhe, manda pedir morangos e ananases frescos. Não se arranjam em mais casa nenhuma. O próprio Bezúkhov agora não está, mas fala com as princesas, e de lá, já agora, dá um salto a Razguliai (o cocheiro Ipatka sabe onde é), vê se encontras lá o cigano Iliuchka, aquele que uma vez dançou em casa do conde Orlov... lembra-te, aquele do casaco branco, e trá-lo cá, para falar comigo.

— E trago também as ciganas? — perguntou Nikolai, rindo.

— Ai, ai, ai!...

Neste momento, com um ar prático, preocupado e, ao mesmo tempo, com aquele seu ar de resignação cristã que nunca a abandonava, entrou Anna Mikháilovna. Apesar de todos os dias Anna Mikháilovna apanhar o conde de roupão, ele, de cada vez que era apanhado neste preparo, ficava confuso e pedia-lhe desculpa. Agora também.

— Não faz mal, conde, querido — disse ela, cerrando os olhos com doçura. — À casa de Bezúkhov vou eu. O jovem Bezúkhov voltou, agora podemos arranjar tudo das estufas dele. E também preciso de o ver, a propósito. Mandou-me uma carta de Boris. Graças a Deus, o Bória já está no quartel-general.

O conde ficou contente por Anna Mikháilovna se ter encarregado de parte dos problemas e mandou que atrelassem o coche pequeno para ela.

— Diga a Bezúkhov que venha. Vou inscrever o nome dele para o banquete. Está com a mulher? — perguntou.

Anna Mikháilovna revirou os olhos, no rosto dela exprimiu-se uma amargura profunda...

— Ah, meu amigo, ele é muito infeliz — disse ela. — Se for verdade o que dizem, é terrível. Quem havia de pensar... e nós, que, então, estávamos tão contentes com a felicidade dele! Ainda por cima, este jovem Bezúkhov é uma alma tão elevada, tão divina! Sim, tenho pena dele do fundo da minha alma e farei tudo o que dependa de mim para o consolar.

— Mas o que se passa com ele? — perguntaram ambos os Rostov. Anna Mikháilovna suspirou profundamente.

— Dólokhov, filho de Mária Ivánovna — disse ela num sussurro enigmático —, comprometeu-a completamente, segundo dizem. Bezúkhov protegia-o, convidou-o para sua casa em Petersburgo, e olhe... Ela veio para aqui, e esse dodivanas atrás dela — disse Anna Mikháilovna, querendo exprimir a sua compaixão para com Pierre, mas nas suas entoações e no seu meio sorriso involuntários adivinhava-se a simpatia pelo dodivanas, como ela chamava a Dólokhov. — Dizem que o Pierre ficou destroçado com semelhante desgraça.

— Bom, seja como for, diga-lhe que apareça no clube... que se distraia. Vai ser um banquete em grande.

No dia seguinte, 3 de Março, por volta das duas da tarde, os duzentos e cinquenta membros do Clube Inglês e mais cinquenta convidados esperavam que chegasse para o almoço o querido homenageado e herói da campanha austríaca, príncipe Bagration. No primeiro momento, quando tinha chegado a notícia sobre a batalha de

Austerlitz, Moscovo ficou perplexa. Naquela altura os russos estavam tão habituados às vitórias que alguns, ao receberem a notícia da derrota, simplesmente não acreditaram; outros procuravam a explicação para acontecimento tão estranho em quaisquer causas extraordinárias. No Clube Inglês, onde se reunia tudo o que era nobreza e onde se encontrava a informação certa e a autoridade, naquele Dezembro, quando começaram a chegar as notícias, não se falava da guerra nem da última batalha, como se tivesse sido combinado por todos guardar silêncio sobre isso. As pessoas que costumavam dar o tom às conversas, ou seja, o conde Rastoptchin, o conde Iúri Vladimirovitch Dolgorúki, Valúev, o conde Markov, o conde Viázemski, não apareciam no clube, reuniam-se em casas particulares, nos seus círculos íntimos, e os moscovitas, habituados a repetir opiniões alheias (entre eles o conde Iliá Andréévitch Rostov) ficaram por algum tempo sem orientadores e, logo, sem juízo definido sobre a guerra. Os moscovitas sentiam que qualquer coisa não estava bem e que, sendo difícil discutir sobre essas más notícias, o melhor era calarem-se. Algum tempo depois, porém, à maneira dos jurados que voltam da sua sala de deliberações, tornaram a aparecer no clube os feitores de opinião avalizados, e toda a gente recomeçou a falar definida e claramente. Foram encontradas as causas daquele inacreditável, inédito, inconcebível acontecimento que foi a derrota dos russos, e tudo se tornou claro, e em todos os cantos de Moscovo se começou a afinar pelo mesmo diapasão. As causas eram: a traição por parte dos austríacos, o aprovisionamento defeituoso das tropas, a traição por parte do polaco Przebyszewski e do francês Langeron, a incapacidade de Kutúzov e (este ponto era abordado em voz baixa) a juventude e a falta de experiência de sua majestade que confiara em gente imprestável e medíocre. Ora, o exército russo, diziam todos, era extraordinário e fazia milagres de heroísmo. Eram todos heróis: soldados, oficiais e generais, mas o herói dos heróis era o príncipe Bagration, que ficou famoso pela sua campanha de Schoengraben e pela retirada de Austerlitz, onde foi o único a conduzir a sua coluna em ordem absoluta e que, durante um dia inteiro, rechaçou um inimigo duas vezes mais forte. O motivo por que o príncipe Bagration foi eleito herói em Moscovo foi também o facto de não ter ligações com esta cidade, de ser um estranho para todos. Na sua pessoa honrava-se o simples soldado russo, o combatente, sem conhecimentos nem intrigas, um nome que as pessoas ainda ligavam, nas recordações da campanha italiana, ao nome de Suvórov. Além disso, prestando-lhe tais honras, manifestava-se de maneira muito clara a antipatia e a desaprovação relativamente a Kutúzov.

— Se Bagration não existisse, *il faudrait l'inventer*<sup>1</sup> — disse o brincalhão Chinchin, parodiando as palavras de Voltaire. De Kutúzov ninguém falava em voz alta, alguns apenas o descompunham em sussurro, chamando-lhe cortesão fútil e velho sátiro.

Por toda a Moscovo, para consolação da nossa derrota com as vitórias antigas, repetia-se o dito do príncipe Dolgorúki: «Tão bem amassado, tão bem amassado, e no fim fica tudo empastado.» Repetiam-se também as palavras de Rastoptchin de que, para o soldado francês, era preciso incitá-lo ao combate com frases pomposas; para o alemão era necessário o raciocínio lógico, convencendo-o de que fugir é mais perigoso do que ir em frente; quanto aos russos, era preciso contê-los e pedir-lhes que avançassem com mais calma! De todos os lados se ouviam mais e mais histórias sobre os exemplos de coragem dos nossos soldados e oficiais em Austerlitz. Um tal que salvou a bandeira, outro que matou cinco franceses, outro ainda que, sozinho, municiou cinco canhões. Falava-se também de Berg (quem não o conhecia), dizendo que, ferido na mão direita, passou a espada para a esquerda e avançou. De Bolkônski não se falava, apenas quem o conhecia bem lamentava que ele tivesse morrido tão novo deixando a mulher grávida com o pai velho e esquisitão.

---

<sup>1</sup> [...] seria preciso inventá-lo (fr.).

### 3

No dia 3 de Março, em todas as salas do Clube Inglês, pairava o rumor de vozes e, como abelhas na Primavera, os membros do clube e os convidados andavam de um lado para o outro, sentavam-se, levantavam-se, encontravam-se e dispersavam-se, trajados de uniformes, ou de casacas, e ainda, alguns, com perucas empoadas e cafetãs. Lacaios de libré, meias e sapatos, de perucas, mantinham-se postados a cada porta e tentavam captar os mínimos movimentos dos convidados e membros do clube para lhes oferecerem os seus serviços. A maioria dos presentes era de velhos respeitáveis de caras largas e convencidas e dedos grossos, gestos e vozes firmes. Convidados e membros deste género sentavam-se sempre nos seus habituais lugares marcados, tal como se reuniam nos seus círculos determinados e habituais. Uma pequena parte dos presentes era constituída por convidados casuais — sobretudo jovens, entre eles Deníssov, Rostov e Dólokhov, este último oficial, de novo, no regimento Semiónovski. As caras da juventude, sobretudo da militar, exprimiam aquele sentimento de respeito desdenhoso para com os velhos que parece dizer à geração que finda: «Estamos prontos a respeitar-vos e a venerar-vos, mas lembrai-vos de que o futuro é a nós que pertence sempre.»

Nesvítski também estava presente, na qualidade de antigo membro do clube. Pierre, que por ordem da mulher deixara crescer o cabelo, andava sem óculos e se vestia à última moda, mas com um ar tristonho e desanimado, vagueava pelas salas. Como por todo o lado, rodeava-o o ambiente criado pelas pessoas que se curvavam perante a sua riqueza e a quem ele tratava, por força do hábito de reinar que já ganhara, com um desprezo distraído.

Pela sua idade, devia estar entre os jovens, mas pela riqueza e relações integrava-se nos grupos dos velhos respeitáveis, passando de uns

para outros. Os velhos mais importantes eram os centros destes círculos e eram ouvidos com respeito, mesmo pelas pessoas de fora do grupo que se acercavam para ouvirem as conversas de tais celebrações. As maiores rodas formavam-se em volta do conde Rastoptchin, de Valúev e de Naríchkin. Rastoptchin contava que os russos tinham sido atropelados pelos austríacos em fuga e se tinham visto obrigados a abrir caminho à baioneta pelo meio dos fugitivos.

Valúev contou, confidencialmente, que Uvárov fora mandado de Petersburgo para sondar a opinião dos moscovitas sobre Austerlitz.

No terceiro círculo, Naríchkin falava sobre uma reunião do conselho de guerra austríaco, em que Suvórov cantou como um galo em resposta às asneiras dos austríacos\*. Chinchin, a seu lado, só queria brincar, dizendo que, pelos vistos, Kutúzov nem sequer tinha aprendido com Suvórov a arte nada complicada de cantar de galo; mas os velhos olharam severamente para o brincalhão, dando-lhe a entender que não estavam no local e no dia mais convenientes para falarem mal de Kutúzov.

O conde Iliá Andréévitch Rostov, com as suas botas macias, trotava a furta-passo, rápido e preocupado, da sala de jantar para a sala de estar, cumprimentando à pressa e de maneira perfeitamente idêntica as pessoas mais importantes e menos importantes, já que as conhecia a todas, e, de vez em quando, procurando com os olhos o filho, brioso e esbelto, pousava nele um olhar alegre e piscava-lhe o olho. O jovem Rostov estava à janela com Dólokhov, que conhecera havia pouco e cujo conhecimento tinha em alto apreço. O velho conde aproximou-se e apertou a mão de Dólokhov.

— Fazes o favor, visitas-me, já conheces aqui o meu rapaz valente... estiveram lá juntos, ambos heróis... Hã, hã! Vassíli Ignátitch, viva, meu velho — saudava assim um velhinho que passava ao lado, mas ainda não tivera tempo de o cumprimentar até ao fim e já tudo se agitava, e o laçao que irrompeu na sala com cara assustada anunciou: «Chegou!»

Tocavam as campainhas; os sócios mais velhos do clube precipitaram-se em frente; os convidados dispersos pelas várias salas, como grãos de centeio sacudidos na joeira, juntaram-se num monte e ficaram parados na sala de estar grande à porta do salão.

Apareceu Bagration à entrada do vestíbulo, sem o chapéu e, por tradição do clube, sem a espada que deixou na portaria. Não estava como o vira Rostov na véspera da batalha de Austerlitz à noite, de boné de pele de ovelha e pingalim lançado sobre o ombro, mas envergando uma farda nova estreita, com condecorações russas e estrangeiras, e a estrela de São Jorge ao peito, à esquerda. Pelos vistos, tinha



cortado o cabelo e as suíças havia pouco, o que lhe mudava as feições para pior. Trazia na cara uma expressão ingenuamente festiva que, em combinação com os seus traços firmes e viris, se tornava mesmo um tanto cómica. Beklechov e Fiódor Petróvitch Uvárov, que vinham com ele, pararam à porta para que Bagration, o convidado de honra, passasse à frente. Bagration atrapalhou-se, não desejando aproveitar-se da delicadeza deles, parando todos à entrada; por fim, Bagration entrou primeiro. Andava pelo parqué da sala de recepções, sem saber onde meter as mãos, envergonhado e desajeitado: para ele era mais fácil e habitual andar debaixo de fogo pelos campos arados, como fez diante do Regimento de Kursk em Schoengraben. Os membros mais velhos do clube receberam-no na primeira porta, manifestando-lhe o prazer de receberem a visita de tão querido convidado e, sem esperarem pela resposta, como que se apoderaram dele, rodearam-no e levaram-no para a sala. À entrada da sala era impossível passar, tal o número de convidados e membros do clube que ali se amontoavam e tentavam, espreitando por cima dos ombros uns dos outros para observarem, como a um animal raro, o príncipe Bagration. O conde Iliá Andréévitch, o mais enérgico de todos, rindo-se e repetindo à direita e à esquerda: «Deixa passar, *mon cher*, deixa passar!», furou por entre a multidão, levou os convidados para a sala e sentou-os no divã do meio. Os mais respeitáveis sócios do clube rodearam os recém-chegados. O conde Iliá Andréévitch, furando mais uma vez por entre o magote de pessoas, saiu da sala de estar; uns momentos depois entrava de novo, com outro sénior do clube, trazendo uma grande bandeja de prata que ofereceu ao príncipe Bagration. A bandeja continha um poema composto e impresso em honra do herói. Bagration, ao ver a bandeja, olhou assustado para trás, como à procura de ajuda. Mas viu em todos os olhos a exigência de se submeter a isso. Sentindo-se assim apossado por todos, Bagration, resolutamente, pegou na bandeja com as duas mãos e olhou com censura e zanga para quem lha oferecia — o conde. Alguém, com ademanos obsequiosos, tirou-lhe a bandeja das mãos (já que parecia que Bagration tencionava segurá-la assim até à noite e levá-la para a mesa) e chamou-lhe a atenção para a poesia. «É para ler, não?»), parecia dizer Bagration e, fixando os olhos cansados no papel, começou a ler com um ar concentrado e sério. Então, o próprio autor pegou na poesia e começou a lê-la em voz alta. O príncipe Bagration, de cabeça inclinada, ouvia.

Glorifica o século de Alexandre  
E guarda-nos Tito em seu trono,  
Chefe — sê temível, homem — sê bondoso,

No pátrio-lar Rifeias, na batalha César.  
Feliz de Napoleão  
Após experimentar Bagration  
Não mais afrontará os Alcides russos...

Ainda não terminara a leitura quando um altissonante laçao anunciou: «A refeição está servida!» A porta abriu-se, estrondou na sala de jantar «Que ribombe a vitória, alegre-te, russo corajoso»\* ao som da *polonaise*, e o conde Iliá Andréévitch, depois de lançar um olhar irritado ao autor que continuava a ler os versos, fez uma vénia a Bagration. Todos se levantaram, sentindo que o almoço era mais importante do que os versos, e, de novo à frente de todos, Bagration dirigiu-se para a mesa. Ficou sentado em primeiro plano, entre dois Aleksandres — Beklechov e Naríchkin —, o que também era simbólico, visto o nome do imperador; trezentas pessoas instalaram-se na sala de acordo com as patentes e a importância — quanto mais perto do emérito convidado, maior a importância: era uma coisa tão natural como a água que se derrama mais onde o terreno é mais baixo.

Imediatamente antes do início do almoço, o conde Iliá Andréévitch apresentou ao príncipe o seu filho. Bagration, reconhecendo-o, disse umas palavras desajeitadas, como, aliás, seriam todas as palavras que disse neste dia. Enquanto Bagration falava com seu filho, o conde Iliá Andréévitch passeava o olhar feliz e orgulhoso por toda a gente.

Nikolai Rostov, com Denissov e o seu novo companheiro Dólokhov, sentaram-se quase na parte central da mesa. Em frente deles sentou-se Pierre, a seu lado o príncipe Nesvítski. O conde Iliá Andréévitch, com outros membros seniores, estava defronte de Bagration e, personificando a hospitalidade moscovita, fazia as honras ao príncipe.

O esforço que fizera não foi em vão. Porém, apesar de os almoços, o magro e o gordo, serem excelentes, não estava de todo tranquilo. Piscava o olho ao copeiro, dava ordens sussurradas aos lacaios e aguardava, com emoção, cada novo prato, que já conhecia tão bem. Era tudo maravilhoso. Servido o segundo prato, que veio juntamente com um esturjão gigantesco (à vista do qual Iliá Andréévitch corou de alegria e timidez), os lacaios começaram a disparar as rolhas e a servir o champanhe. Comido o peixe, que causou uma bela impressão, o conde Iliá Andréévitch trocou olhares com outros seniores. «Os brindes vão ser muitos, já é tempo de começarmos!», sussurrou e, pegando num copo, levantou-se. Todos se calaram, à espera do que iria dizer.

— À saúde de sua majestade o imperador! — gritou ele, e no mesmo momento lágrimas de alegria e entusiasmo marejaram-lhe os olhos bondosos. Soou de imediato o «Que ribombe a vitória...». Todos

se levantaram e gritaram «hurra!» E, com a mesma voz que atroava no campo de Schoengraben, Bagration também gritou «hurra!». No meio daquelas trezentas vozes, distinguiu-se a voz entusiasmada do jovem Rostov. Quase chorou.

— À saúde de sua majestade! — gritava — hurra! — Emborcou de uma vez o seu copo e atirou-o para o chão. Muitos seguiram o seu exemplo. Duraram muito tempo os gritos altos. Quando as vozes esmoreceram, os lacaios apanharam do chão a loiça partida, e todos se foram sentando, sorrindo dos seus gritos, trocando comentários. O conde Iliá Andréevitch voltou a levantar-se, olhou para um bilhete ao lado do seu prato e proclamou um brinde à saúde do herói da nossa última campanha, príncipe Piotr Ivánovitch Bagration, e de novo os olhos azuis do conde se marejaram de lágrimas. Hurra! — voltaram a altear-se as vozes dos trezentos convidados, e, em vez da música, soou o coro executando uma cantata da autoria de Pável Ivánovitch Kutúzov\*:

Para o russo obstáculos não há,  
Sua coragem é garante da vitória,  
Temos os nossos Bagration,  
Teremos a nossos pés o inimigo... etc.

Terminado o canto, seguiram-se mais e mais brindes, tendo o conde Iliá Andréevitch ficado ainda mais enternecido, tendo-se partido ainda mais loiça. Bebeu-se à saúde de Beklechov, Naríchkin, Uvárov, Dolgorúki, Apráksin, Valúev, à saúde dos seniores do clube, à saúde do organizador da homenagem, à saúde de todos os membros do clube, à saúde de todos os convidados e, por fim e em destaque, à saúde do responsável pelo almoço Iliá Andréevitch. A este brinde, o conde tirou o lenço e, tapando o rosto com ele, desfez-se em lágrimas.